

GÊNEROS JORNALÍSTICOS: PRÁTICAS EM SALA DE AULA MEDIADAS PELO USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Claudia de Faria Barbeta

cbarbeta@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5037740876137934>

Kleverson Fernando de Araujo

kleversonfernando@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6136870986434658>

RESUMO

O presente artigo apresenta e descreve a aplicação de uma sequência didática elaborada com base nos gêneros da esfera jornalística e mediadas pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, buscando contribuir para o ensino e metodologia da Língua Portuguesa. Foram desenvolvidas atividades durante a sequência didática dentro dos planos de **ação, discursivo e linguístico-discursivo**, de acordo com a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). O trabalho com gêneros tem sido promissor no que se revele o uso da língua, a ponto de Dolz e Schneuwly (2004) os dominarem como *me gainstrumento*. Além de favorecer a leitura de textos e maior habilidade na escrita. Acresça-se que essa técnica de ensino, além de outras vantagens e implicações, traz estreita correlação com os Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa (PCNLP) as Diretrizes Curriculares Estaduais – PR (DCE).

Palavras-chave: Gêneros; Sequência Didática; Tecnologias educacionais

Nos anos 80 e 90 do século passado, surgiu a necessidade de reavaliar o ensino de língua materna e, conseqüentemente, reformular os documentos oficiais de ensino. Nesse sentido, o desenvolvimento da “competência comunicativa” (BRASIL, 1998; PARANÁ, 2008) passa a ser a nova meta do ensino e da aprendizagem da Língua Portuguesa e, por isso, os gêneros e, conseqüentemente, seu domínio por parte dos aprendizes, passam a ter papel central nesse novo contexto pedagógico. O objetivo é que o aluno consiga desenvolver capacidades de linguagem que o façam aumentar cada vez mais seu repertório discursivo para produzir e

compreender os efeitos de sentido dos textos, relacionando-os a cada situação específica de interação humana.

Outro documento oficial – a Diretriz Curricular da Educação Básica de Língua Portuguesa (DCE) (PARANÁ, 2008, p.50) afirma que “a linguagem é vista como fenômeno social, pois nasce da necessidade de interação (política, social, econômica) entre os homens”. Segundo as Diretrizes Curriculares de Ensino do Paraná (DCE – PARANÁ, 2008), o trabalho com a língua materna deve ter como foco quatro eixos – leitura, escrita, oralidade e análise linguística –, tendo como parâmetro estruturador o “discurso como prática social” e, como conteúdos básicos, os diversos gêneros que circulam socialmente e seus elementos funcionais e linguístico-discursivos. Essa é uma perspectiva que coloca as práticas discursivas em primeiro plano, ou seja, o “uso” da língua, diferentemente da abordagem tradicional em que as “partes” – palavras, frases, orações – conduziam o ensino.

A justificativa do trabalho com gêneros textuais, além de ser atual, vem ao encontro das orientações dadas por esses documentos oficiais da nação e do Estado do Paraná, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) e das Diretrizes Curriculares Estaduais – PR (DCE), embora implique uma boa dose de desafios por parte dos professores que venham a se comprometer com essa metodologia, discutida por autores como Dolz e Schneuwly (2004). Sua adoção requer criatividade e familiarização com as técnicas atualmente disponíveis, sem as quais será pouco viável a concretização dos resultados pretendidos. Não basta simplesmente escolher um gênero e aplicá-lo de qualquer maneira, ou ainda servindo-se apenas para calcar o ensino de normas gramaticais. As práticas sociocomunicativas devem servir, nesse caso, para enriquecer o aprendizado do aluno no sentido de ampliar suas noções de linguagem através de diferentes formas de textos, ampliar a noção de conhecimentos científicos, de mundo, e até mesmo de maneira interdisciplinar.

O ensino dos gêneros também poderá ser realizado por meio de novas tecnologias, desde que o professor esteja bem preparado para conduzir tais materiais dentro da proposta de sequência didática. As aulas poderão constituir-se em grandes sinônimos de riqueza de conhecimento.

Diante disso, a proposta do presente artigo é descrever e sugerir uma sequência didática que envolva o estudo de gênero mediado pelo uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). O trabalho que será descrito adiante foi aplicado em uma turma do 7º ano

do Ensino Fundamental. Nosso objetivo foi possibilitar atividades com gêneros textuais de maneira mais dinâmica, prática e efetiva. Também configura um desafio para a problemática do ensino e aprendizagem por meio de textos, buscando motivação para os alunos se envolverem em gêneros da esfera jornalística, em especial a notícia e a reportagem.

A escolha do gênero jornalístico se justifica por serem textos geralmente exigidos em bancas de vestibulares, além do ENEM. É pertinente frisar que o trabalho com os gêneros dissertativos jornalísticos contou com o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação.

2 Uma Breve Retomada dos Gêneros Textuais

Atualmente, quando indagamos a alguns professores de Língua Portuguesa o que entendem por gênero textual, é comum ouvirmos da maioria que gêneros textuais são todos os textos que circulam na sociedade com propósitos comunicativos definidos. Esse modo de pensar já é senso comum porque o estudo sobre os gêneros vem sendo bastante difundido atualmente na área de Estudos da Linguagem. Mikhail Bakhtin, filósofo russo que se dedicou a escrever obras das quais se relacionavam com a literatura, principalmente o romance, foi o primeiro a empregar o termo *gêneros* no sentido que o conhecemos atualmente nos estudos linguísticos.

Para Bakhtin (1997), as realizações linguísticas são vislumbradas enquanto discurso, legitimadas em enunciados e existentes nas interações sociais. Os enunciados materializam-se em situações sócio-históricas reais, nas diferentes esferas de atividade humana e são por elas determinados; estas situações concretas de produção de linguagem trazem marcas concretas, verbais e não verbais, para os enunciados, ou seja, para os gêneros. O autor (1997, p. 279) ainda acrescenta que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”.

Marcuschi (2007, p. 29) sustenta que os gêneros “são eventos linguísticos, mas não se definem por características linguísticas: caracterizam-se, como já dissemos, enquanto atividades sócio-discursivas.” Os gêneros não surgiram de fórmulas mágicas ou de algo que foi planejado, mas sim, porque há uma atividade sócio-discursiva. Surgem a partir do desenvolvimento humano, das atividades humanas. “[...] não é possível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar por escrito a não ser por algum gênero textual.” (MARCUSCHI, 2007, p. 22).

Os gêneros textuais são, então, os textos que encontramos em nossa vida diária, que apresentam características discursivas definidas pela sua funcionalidade social. Isso quer dizer, em outras palavras, que os gêneros caracterizam-se muito mais por suas efetivas funções comunicativas e cognitivas do que por suas particularidades estruturais e linguísticas. E esse é um ponto importante para o estudo dos gêneros, pois se não o tomamos dessa maneira, corremos o risco de enxergá-los como uma “fôrma”, um “modelo”, o que pode fragilizar sua abordagem, tanto na pesquisa como no ensino.

Os PCNLP (BRASIL, 1998, p.24), propõem dois eixos para o ensino da língua: o uso da linguagem, por meio das práticas de escuta, leitura e produção de textos orais e escritos; e a reflexão sobre a língua e linguagem. Assim, apontam os gêneros discursivos como objeto de ensino e os textos como unidade de ensino. Os textos são organizados dentro de um gênero, que se constituem como enunciados concretos e únicos. Eles conservam marcas estáveis, que os identificam ao longo da história e trazem diferenças determinadas pelos diferentes interlocutores, pelo tempo e espaço únicos de cada uma das situações concretas.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 71) “a ideia de gênero é que é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos”.

O quadro abaixo apresenta alguns exemplos sugeridos por Dolz e Schneuwly (2004), como uma proposta de agrupamento de gêneros com o que se objetiva facilitar o procedimento necessário para a aplicação dessa metodologia.

<i>Domínios sociais de comunicação</i>	Exemplos de gêneros orais e escritos
Aspectos tipológicos Capacidades de linguagem dominantes	
<i>Cultura literária ficcional</i> Narrar Mimeses da ação através da criação da intriga no domínio do verossímil.	Conto maravilhoso Conto de fadas Fábula Lenda Romance histórico
<i>Documentação e memorização das ações humanas</i>	Relato de experiência vivida

<p>Relatar</p> <p>Representações pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo.</p>	<p>Testemunho</p> <p>Autobiografia</p> <p>Crônica social</p> <p>Curriculum vitae</p>
<p><i>Discussão de problemas sociais controversos</i></p> <p>Argumentar</p> <p>Sustento, refutação e negociação de tomadas de posição.</p>	<p>Textos de opinião</p> <p>Diálogo argumentativo</p> <p>Carta de leitor</p> <p>Assembleia</p> <p>Resenha crítica</p>
<p><i>Transmissão e construção de saberes</i></p> <p>Expor</p> <p>Apresentação textual de diferentes formas dos saberes</p>	<p>Exposição oral</p> <p>Seminário</p> <p>Conferência</p> <p>Relatório científico</p>
<p><i>Instruções e prescrições</i></p> <p>Descrever Ações</p> <p>Regulação mútua de comportamentos</p>	<p>Receita</p> <p>Regulamento</p> <p>Regaras de jogo</p> <p>Comandos diversos</p>

Fonte: Dolz e Schneuwly (2004-adaptado)

Com esse agrupamento conforme a tipificação dos gêneros, Dolz e Schneuwly (2004, p.126) propuseram a distribuição desses mesmos gêneros conforme as séries escolares:

Agrupamento	Ciclo			
	1ª – 2ª	3ª – 4ª	5ª – 6ª	7ª – 8ª – 9ª
NARRAR	1. O livro para completar	1. O conto maravilhoso 2. A narrativa de aventura	1. O conto do porquê 2. A narrativa de aventura	1. A paródia de conto 2. A narrativa de ficção científica 3. A novela fantástica
RELATAR	1. O relato de experiência vivida	□ O testemunho de uma experiência	1. A notícia	1. A nota biográfica

	(apresentação em áudio)	vivida		a 2. A reportagem radiofônica
ARGUMENTAR	1. A carta de solicitação	1.A carta de resposta do leitor 2.O debate regrado	1. A carta de leitor 2.A apresentação de um romance	1. A petição 2. A nota crítica de leitura 3. O ponto de vista 4. O debate público
TRANSMITIR CONHECIMENTO	1. Como funciona? (Apresentação de um brinquedo e de seu funcionamento)	1. O artigo enciclopédico 2.A entrevista radiofônica	1.A exposição escrita 2.A nota de síntese para aprender 3.A exposição oral	1. A apresentação de documentos 2. O relatório científico 3. A exposição oral 4. A entrevista radiofônica
REGULAR COMPORTAMENTOS	1.A receita de cozinha (Apresentação em áudio)	1.A descrição de um itinerário	1.As regras de jogo	
	5 sequências (sendo 2 orais)	8 sequências (sendo 3 orais)	9 sequências (sendo 2orais)	13 sequências (sendo 4 orais)

Fonte: Dolz e Schneuwly (2004-adaptado)

Os autores salientam que “não devem ser consideradas como um manual a ser seguido passo a passo” (2004, p. 127). É assim que as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2008) estabelecem o ensino por meio dos gêneros, de maneira a facilitar o trabalho do professor, mas cabe a ele planejar e refletir sobre tais conteúdos conforme seu contexto de ensino.

O que se deve levar em consideração é que os gêneros sejam eles orais ou escritos, e independentemente de quando e onde surgiram, servem como instrumentos de comunicação,

acesso maior a diferentes linguagens, bem como apropriação e alteração de formas de comunicação, e isso de fato, deveria ser apresentado em sala de aula.

Faz-se importante destacar que o ensino com os gêneros textuais não exclui o ensino da gramática normativa, oralidade ou variação linguística, como também, não serve somente para se utilizar do gênero para decompor estudos gramaticais, semânticos ou morfológicos, porém dá ampla abertura para esses tópicos, pois a língua não pode ser tratada como um único sistema e os gêneros oportunizam este trabalho. Dá ampla abertura para os estudos relacionados à língua, as práticas de ensino relacionadas a ela. Esta não pode ser tratada como um único sistema, com determinada estrutura e regras, mas como atividade de interação.

Dessa forma, espera-se conseguir que o aluno esteja cada vez mais inserido no ambiente em que vive, o que implica interação com os seus semelhantes, quer seja através da oralidade, da leitura, da escrita, seja por quaisquer outros meios comprovadamente idôneos para conduzir o ensino-aprendizagem. Se é tarefa da escola possibilitar que os alunos participem de diferentes atividades sociais, os gêneros do discurso são meios indicados para inseri-los nessas práticas. Consequentemente poderá ser esse o expediente a ser usado pelos professores para contextualizar o conteúdo de suas aulas, indicando aos alunos onde e como se usam as linguagens. “Essas considerações, [...] dá ênfase à língua viva, dialógica, em constante movimentação, permanentemente reflexiva e produtiva” (PARANÁ, p. 48).

3 Gênero Jornalístico Mediado pelas Tecnologias Digitais

Os PCNLP (1998) orientam as práticas docentes que envolvam trabalhos com base nos gêneros, sejam eles orais ou escritos. A utilização de gêneros textuais oportuniza ao aluno lidar com a língua nos seus diversos usos do cotidiano, inclusive no ambiente digital. Nesse sentido, o professor deve oferecer ao seu alunado o contato com diferentes gêneros e de diversas esferas sociais, tais como a reportagens, notícias, crônicas. Essa diversidade permite que o desenvolvimento de habilidades adequadas em determinados eventos e situações comunicativas.

Entre esses diversos gêneros, emergem aqueles que se materializam no meio digital, eventos realizados por mediação das tecnologias digitais. Em especial nesse trabalho, destacamos o gênero jornalístico. Uma das funções básicas do gênero jornalístico é a informação de fatos relevantes existentes em todas as esferas sociais. O jornal é um portador de diferentes gêneros textuais: editoriais, cartas dos leitores e aos leitores, críticas, notícias, reportagens, dicas culturais, classificados etc. A distribuição desses gêneros, em um jornal, geralmente é feita em

diferentes cadernos e/ou sessões. A linguagem desse gênero é clara, objetiva e baseada na norma culta vigente, sendo que uma matéria jornalística pode apresentar diferentes vozes e interpretações sobre o mesmo assunto. A leitura de um texto jornalístico pode oferecer ao leitor inúmeras possibilidades de reflexões e, assim, estabelecer relações entre o fato, o indivíduo e o mundo que o cerca. Hoje, o jornal pode ser veiculado por diferentes portadores na mídia comunicacional, podendo ser impresso, televisionado, radiofônico ou *online*, sendo um dos meios modernos mais eficazes de levar a informação sobre o que acontece no mundo e à nossa volta.

Ao tratar do gênero jornalístico mediado no suporte digital, não estamos criando um novo gênero. Marcuschi (2007) nos lembra de que “de modo particular os gêneros desenvolvidos no contexto da hoje denominada mídia virtual, identificada centralmente na tecnologia computacional a partir dos anos 70 do século XX. Esse novo tipo de comunicação é conhecido como Comunicação Mediada por Computador (CMC) ou comunicação eletrônica e desenvolve uma espécie de ‘discurso eletrônico’” (p 3). A linguagem dos novos gêneros torna-se cada vez mais plástica, integrando vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento.

Além disso, uso da tecnologia tornar-se-ia significativo para os alunos não somente fora da escola, mas também no interior dela e nas salas de aula. Ao utilizar um ambiente virtual de aprendizagem, os alunos poderiam “conhecer a linguagem videotecnológica própria desse meio”, conforme preconizam os PCNLP (BRASIL, 1998, p. 89). Ou seja, na perspectiva dos multiletramentos e da multimodalidade.

4 Proposta de Sequência Didática

A sequência didática proposta aqui será de acordo com os autores Dolz e Schenuwly (2004, p.75) que desenvolveram a ideia do gênero como “*megainstrumento* que fornece um suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referência para os aprendizes”.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) consideram a sequência didática “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” Assim, deve então o professor, planejar-se para que possa obter bons resultados desta.

Baseando-se na experiência em sala de aula aplicada a uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Londrina, Paraná. Apresentaremos uma proposta de sequência didática com gêneros jornalísticos das quais foram desenvolvidos alguns aspectos para o bom resultado final da sequência para aproximadamente dez aulas tendo como base para o desenvolvimento do trabalho, o livro didático “Teláris”. Este não poderá ser descartado, se trata de um material adotado pela escola, no entanto, também, não foi o único instrumento de ensino, já que estamos falando do ensino mediado pelas TIC.

Em se tratando de gêneros jornalísticos, o professor poderá apresentar a estrutura de um jornal impresso; lide, manchetes, edições, editoriais, seções etc., tudo aquilo que está contido no material impresso. Muitas vezes, os alunos não conhecem um jornal por inteiro, ou também, já até pegaram pra ver, mas não sabem do que se aquilo se trata. Apresentar alguns pontos de um jornal transmitido pela televisão ou rádio também é importante, para que o aluno tenha uma noção do que assiste e ouve; alguém que trabalhe numa emissora, repórter, diretor poderia contribuir nessa parte. Mas caso não seja possível a colaboração de outro profissional da área jornalística, o próprio professor, após um aprofundamento poderá apresentar tais características.

Na prática, pedimos aos alunos que apresentassem na aula seguinte algumas notícias e reportagens. Embora alguns alunos tenham apresentado horóscopo como exemplo de gênero jornalístico, a atividade foi muito boa para ensinar o aluno a diferenciar determinados detalhes de um gênero para outro.

“Nos módulos, trata-se de trabalhar os *problemas* que apareceram na primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHENEUWLY, 2004, p. 103) (grifos dos autores). Ou seja, a produção inicial não servirá apenas para identificar se o aluno sabe ou não o que é uma notícia e uma reportagem, mas justamente para averiguar certas capacidades dos alunos.

Durante os módulos foram trabalhados aspectos específicos de cada gênero, diferenças e semelhanças, veículos de circulação, manchetes, tipos de linguagem, figuras e fotos que aparecem nos gêneros, comparação entre os gêneros impressos e os televisivos etc. Durante os módulos foi possível também trabalhar com textos de interpretação e compreensão, os alunos realizavam as atividades e em conjunto fazíamos a correção destacando aspectos dos determinados textos.

É importante destacar que durante todo esse processo se utilize de diferentes atividades, não somente as de interpretação e compreensão como exemplificado, até mesmo porque o planejamento e desenvolvimento de uma sequência didática devem colaborar para que cresça a motivação dos alunos, e não aulas monótonas. Da mesma maneira, “em cada módulo, é muito importante propor atividades as mais diversificadas possível, dando assim, a cada aluno a possibilidade de ter acesso, por diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, desse modo, suas chances de sucesso” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHENEUWLY, 2004, p. 105).

Estamos enfatizando aqui uma sequência didática mediada pelo uso das TIC, no entanto não fizemos referência alguma sobre a utilização destas, justamente porque preferimos deixar para a produção inicial, da qual os resultados poderiam bem mais apresentados.

A produção final “dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente dos módulos” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHENEUWLY, 2004, p. 106). Então, propusemos aos alunos a realização de um vídeo com seus celulares, câmeras ou qualquer outro aparelho eletrônico a elaboração de uma notícia e reportagem. Não estabelecemos critérios rígidos, deixamos os alunos mais a vontade para que escolhessem o tema, ou aquilo que iriam realizar.

Os resultados obtidos foram bastante enriquecedores para a prática pedagógica. Apesar de os textos produzidos pelos alunos apresentarem ainda algumas falhas linguísticas (à forma de falar, expressar, a própria vergonha em aparecer no vídeo), foram produzidos vídeos de gêneros da esfera jornalística, tratando de diversos assuntos (poluição, maus tratos de animais, saúde, entre outros). A forma como cada grupo se organizou demonstrou que os alunos compreenderam sobre os gêneros, sua circulação na mídia e os efeitos que estes podem causar.

5 Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo propor uma sequência didática que envolva o trabalho com gênero da esfera jornalística medido pelo uso das tecnologias digitais. Na proposta apresentada, os alunos apresentaram vídeos para concretizar os textos construídos. O trabalho com gêneros exige do professor pesquisas, disciplina e método, a fim de que os conhecimentos teóricos adquiridos reflitam em sua prática didático-pedagógica. As considerações propostas nesse trabalho também buscaram revisar os estudos sobre gêneros textuais, cujos pressupostos

fundamentam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, com o intuito de ampliar as discussões sobre o ensino de língua materna nas escolas brasileiras.

Assim, nosso trabalho se propõe a contribuir na orientação de atividades pedagógicas, especificamente no que se refere ao uso dos gêneros jornalísticos nas práticas pedagógicas, buscando possíveis mudanças na sala de aula. Dessa forma, esperamos trazer possíveis alternativas para as atividades de leitura em sala de aula, numa evidente preocupação em trabalhos que envolvam o texto no contexto educacional.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 (Série aula 1).

_____. **Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEHRENS, M.T. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J.M., MASETTO, M. T., BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2012. p. 67-132.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais – Ensino fundamental–Língua Portuguesa**. Brasília: SEF/MEC, 1998.

BRONCKART, J

. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIOZNÍZIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. 5ª ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: MARCUSCHI, L.A. & XAVIER, A.C (Org.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 13-67, 2004.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Inglesa para Educação Básica**. 2008.

SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

XAVIER, A.C. Hipertexto: novo paradigma textual?. In: **Investigações: Linguística e Teoria Literária**, Vol. 12. Recife: Editora da UFPE. 2007. pp. 177-192

_____. **O hipertexto na Sociedade da Informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: IELUNICAMP, 2002. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000287629>. Acessado em 13 out.2012

_____. **As tecnologias e a aprendizagem (re)construcionista no século XXI**. Hipertextus Revista Digital. Volume 1, 2007. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume1/artigo5-xavier.pdf>